



Introdução ao Gradual de Nossa Senhora *Virgo Dei Genitrix* CPM 137 (1795) de José Maurício Nunes Garcia

André Cardoso

Resumo

Esta introdução para a edição do Gradual de Nossa Senhora *Virgo Dei Genitrix* CPM 137 (1795) de José Maurício Nunes Garcia, apresenta dados biográficos sumários e informações sobre os graduais de sua autoria encontrados no acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ e outros arquivos. Aborda também as divergências de instrumentação entre os dois únicos conjuntos de cópias de partes manuscritas. Por fim, apresenta os argumentos para estabelecer uma versão da partitura, os procedimentos editoriais, assim como o texto original em latim, sua inserção na liturgia e a tradução para o português.

Palavras-chave

José Maurício Nunes Garcia – música sacra – Brasil – século XVIII – edição musicológica.

Abstract

This introduction to the edition of the Gradual for Our Lady *Virgo Dei Genitrix* CPM 137 (1795), by José Maurício Nunes Garcia, provides short biographical information and some data about the graduales by the same composer, found in the musical manuscript collection of the Alberto Nepomuceno Library of the School of Music at UFRJ, and in other archives. It also discusses the differences in instrumentation between the two extant sets of copies in handwritten parts. Finally it presents some arguments to establish a version of the score, the editorial procedures, as well as the original text in Latin, its insertion in the liturgy and its translation to Portuguese.

Keywords

José Maurício Nunes Garcia – sacred music – Brazil – 18th century – musicological edition.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: andrecardoso@musica.ufrj.br.



José Maurício Nunes Garcia nasceu no Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1767, filho de um casal de pardos libertos, o alfaiate Apolinário Nunes Garcia e Vitória Maria da Cruz. Sua formação musical ficou a cargo de Salvador José de Almeida Faria, músico mineiro natural de Vila Rica que se transferiu para a então capital da colônia, na segunda metade do século XVIII. De origem humilde, José Maurício encontrou na vida sacerdotal a possibilidade de continuar seus estudos, adquirindo sólida formação musical e intelectual. Em 1783, aos 16 anos, escreveu sua primeira obra, a Antífona *Tota Pulchra*, e assinou o compromisso de fundação da Irmandade de Santa Cecília, da qual seria membro até o fim da vida. Para prosseguir sua ordenação sacerdotal deu entrada em um processo na Câmara Eclesiástica do Bispado do Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1791, no qual solicita ser dispensado “do defeito de cor” (Oliveira, 2011, p. 51). Em 1792, ordenou-se padre e, em 1798, conseguiu a almejada nomeação para o cargo de mestre de capela da Catedral e Sé do Rio de Janeiro, produzindo enorme quantidade de obras. Por diversas vezes foi solicitado pelo Senado da Câmara para compor obras para solenidades públicas como a posse do Vice-Rei D. Fernando José de Portugal (1801) e do Vice-Rei Conde dos Arcos (1806). Paralelamente a suas atividades de compositor, organista e regente, José Maurício se dedicou intensamente à atividade didática, tendo mantido durante muitos anos em sua própria residência um curso de música, onde ministrava aulas para jovens gratuitamente.

A partir de 1808, com a mudança da Corte Portuguesa para o Brasil, a vida musical carioca ganhou impulso com a chegada de novos músicos, cantores e compositores. José Maurício foi nomeado por D. João mestre da sua Capela Real e adaptou seu estilo ao gosto musical do Príncipe Regente. A partir de então sua música ganhou em dramaticidade e colorido, com a incorporação de um efetivo maior de instrumentos e virtuosismo vocal. Entre as obras que melhor representam sua mudança estilística se destaca a *Missa de Nossa Senhora da Conceição*, de 1810. Em 1815, solicitado pelo Senado da Câmara, compôs um *Te Deum* pela elevação do Brasil a Reino Unido e recebeu de D. João o Hábito da Ordem de Cristo. Durante anos seguiu compondo por ordem do Príncipe Regente e Rei de Portugal e por encomenda das diversas Irmandades do Rio de Janeiro, entre elas a de São Pedro dos Clérigos e Ordem do Carmo. Ao mesmo tempo regeu, em primeira audição no Brasil o *Requiem* de Mozart e o oratório *A Criação* de Haydn, compositores que admirava profundamente.

A volta da Família Real para Portugal marca a fase final de sua carreira. Em 1822, já doente e sem recursos, fechou seu curso de música e apelou para D. Pedro I por melhorias salariais na Capela Imperial. Em 1826, compôs sua última obra, a *Missa de Santa Cecília*, para grande orquestra e coro. Em 1830, legitimou um dos



seis filhos que teve com Severiana Rosa de Castro, o médico José Maurício Nunes Garcia Jr. (1808-1884), para o qual também renunciou ao título da Ordem de Cristo. Faleceu no dia 18 de abril do mesmo ano.

A maior parte da obra musical de José Maurício é de peças sacras para as mais diversas cerimônias da liturgia católica. Do total composto chegaram até nós pouco mais de 200 obras. Muitas se perderam ou foram destruídas ao longo do tempo (Cardoso, 2004). Além das obras para igreja, escreveu também obras sinfônicas (*Abertura em Ré* e *Zemira*), uma ópera hoje perdida (*Le due gemele*), peças para teclado e algumas modinhas, das quais apenas uma se preservou (“Beijo a mão que me condena”).

Entre as obras sacras relacionadas no *Catálogo Temático* elaborado por Cleofe Person de Mattos (CPM) são identificados 27 graduais compostos por José Maurício, excluindo-se da rubrica aqueles compostos para a Semana Santa ou para missas de *Requiem*. A grande maioria, 23 obras, pertence ao acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno (BAN) da Escola de Música da UFRJ. Ainda no Rio de Janeiro, outros sete manuscritos se encontram na Academia Brasileira de Música (Gradual *Veni Sancte Spiritu* CPM 156) e no Conservatório Brasileiro de Música (CBM), sendo três deles também presentes na mauricianiana da Escola de Música (Mattos, 1980, p. 8).

O Gradual de Nossa Senhora *Virgo Dei Genitrix* CPM 137 foi composto em 1795 e possui dois conjuntos de manuscritos: um na BAN e outro no CBM. O exemplar do CBM é proveniente do arquivo do mestre de capela da Catedral de Porto Alegre, José Joaquim Mendanha (1800-1885). Os dois conjuntos de cópias manuscritas possuem instrumentações diferentes. A versão do CBM apresenta o seguinte título na parte do baixo instrumental: “4 Graduais, hum p.^a N. Senhora, outro p.^a os Apostolos, e outro para as Virgens e hum da S^{ta} Cruz. Com Rabecas, Violeta, 4 vozes e Baixo. Feito no anno 1795 Por Joze Mauricio Nunes Garcia” (Mattos, 1970, p. 213). O conjunto de sete partes, uma para cada voz do coro (SATB), violinos I e II e baixo, está desfalcado da parte da viola mencionada no título (violeta) encontrando-se, infelizmente, incompleto. O conjunto de partes pertencente ao acervo da BAN apresenta o título na parte do órgão: “Gradual de N. Snr.^a Com Violinos Viola Oboes Trompa 4 vozes Violoncello Timpano e Orgão Composto pello Reverendo Padre Mestre Jozé Mauricio Nunes Garcia”. Na mesma parte é mencionado que o material “Pertence a Francisco da Luz Pinto, o autor da cópia e da reorquestração” (Mattos, 1970, p. 214).

A reorquestração de obras de José Maurício era prática corriqueira no século XIX. Não só Francisco da Luz Pinto, mas também Francisco Manoel da Silva, ambos discípulos de José Maurício, e outros músicos do Rio de Janeiro e de outras localidades do Brasil promoveram adaptações, substituições e inclusões de instrumentos não previstos originalmente pelo compositor. Muitas composições de José Maurício só



sobreviveram através de cópias manuscritas, não existindo o autógrafo. É o caso da obra aqui abordada.

A iniciativa de editar o Gradual *Virgo dei Genitrix* a partir dos manuscritos da BAN nos apresentava, portanto, alguns desafios. O principal deles era a decisão de manter ou expurgar da partitura os instrumentos que Luz Pinto teria incluído. Três hipóteses se apresentaram. A primeira é que Luz Pinto tenha incluído apenas os oboés e tímpanos, preservando as trompas originais. A formação de cordas com duas trompas é encontrada em outras obras de José Maurício, inclusive nos graduais *Die Sanctificatus* CPM 130, de 1793, e *Alleluia Ascendit Deos* CPM 141, de 1799. A segunda hipótese é a de que Luz Pinto teria substituído partes originais de flautas pelos oboés, levando a uma instrumentação com duas flautas, duas trompas e cordas, uma formação muito comum em José Maurício. Vários graduais apresentam a combinação de flautas e trompas como o *Oculi Omnium* CPM 131, o *Dicite Filiae Sion* CPM 139, o *Justus Cum Ceciderit* CPM 143, de 1799, e o *Dilexisti Justiam* CPM 148. Há ainda vários outros com uma flauta solo e duas trompas como o *Alleluia Angelus Domini* CPM 140 e *Benedictus Es Domine, Qui Intueris* CPM 142, ambos de 1799, e *Jacta Cogitatum Tuum in Domino* CPM 145 e *Omnes de Saba Venient* CPM 146, ambos de 1800 (Mattos, 1970, p. 208-226). A terceira hipótese tem por base a informação constante no manuscrito do CBM, através da qual somos levados a concluir que, provavelmente, a instrumentação original era para uma orquestra de cordas. Assim seriam de autoria de Luz Pinto as partes de oboés, trompas e tímpanos.

Outra decisão a ser tomada era com relação às partes de viola, mencionadas nos dois conjuntos de manuscritos. No material da BAN, as violas se apresentam divididas em dois naipes. Seria uma opção do compositor ou uma intervenção do copista e reorquestrador? O procedimento de dividir o naipe das violas não é incomum em José Maurício e podemos encontrá-lo em obras importantes e de épocas distintas como na *Missa de Nossa Senhora da Conceição* CPM 106, de 1810, na *Missa Pastoral para a Noite de Natal* CPM 108, de 1811, na *Missa de Requiem* CPM 185, de 1816 e na *Missa de Santa Cecília* CPM 113, de 1826. A inexistência da parte de viola no material do CBM nos impossibilita fazer uma comparação com aquela existente na BAN para tirar conclusões mais sólidas. Para a presente edição, baseada nos manuscritos da BAN, optamos por utilizar apenas as partes das cordas, incluindo as violas em *divisi*, omitindo os sopros e tímpanos, provavelmente acrescentados por Francisco da Luz Pinto.

O Gradual é um canto litúrgico que na Missa é entoado após a Epístola e antes do Evangelho. Segundo Carlos Alberto Figueiredo “o gradual é cantado após a primeira leitura e tem a função de ser um canto meditativo sobre o que fora lido. Figueiredo também nos diz que a palavra gradual (ad gradus) ‘aponta’ para o lugar onde será cantado o verso pelo solista, após subir os degraus: o ambão” (Figueiredo, 2003).



No Tempo Pascal o gradual é substituído pelo *Alleluia* e na Quaresma pelo *Tracto*. Possuía originalmente a forma responsorial e texto retirado de um Salmo.

O Gradual *Virgo Dei Genitrix* é um cântico mariano normalmente utilizado nas festas de Assunção (15 de agosto) e Maternidade de Nossa Senhora (11 de outubro). Na forma de um verso aleluiático o texto é o seguinte (Lefebvre, 1963, p. 1.334):

Latim (original)

Virgo Dei genitrix, quem totus non capit orbis.
In tua se clausit viscera factus homo. Alleluia.

Versão em português

Virgem, Mãe de Deus, Aquele que o mundo todo não pode conter,
encerrou-se em vosso ventre para fazer-se homem. Aleluia.

A música composta por José Maurício para o Gradual *Virgo Dei Genitrix* possui estrutura binária, precedida de pequena introdução orquestral e concluída com uma coda. O coro recebe tratamento homofônico com algum movimento discreto das vozes na palavra *genitrix* e na frase subsequente (*quem totus non capit orbis*).

Para a presente edição algumas dinâmicas e articulações foram regularizadas e outras sugeridas. Todas foram devidamente sinalizadas. Na parte do coro foram incluídas ligaduras expressivas.

O Gradual *Virgo Dei Genitrix* de José Maurício Nunes Garcia na versão aqui apresentada no “Arquivo de Música Brasileira” da RBM, foi gravado no CD *Tempus Nativitatis* (IMCP 001-b) pelo Coral dos Canarinhos de Petrópolis e Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRJ sob a regência de Marco Aurélio Lischt.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cardoso, André. “O arquivo musical e o repertório da Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro: 1808-1889”. V Encontro de Musicologia Histórica, Juiz de Fora, 19 a 21-jul., 2002. *Anais*. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004, p. 40-54.
- Cardoso, André. *A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro 1808-1889*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.
- Cardoso, André. *A música na Corte de D. João VI*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Figueiredo, Carlos Alberto. “Os graduais do Padre José Maurício Nunes Garcia”. *Tempus Nativitatis*, encarte CD (IMCP 001-B). Petrópolis: Instituto dos Meninos Cantores, 2003.
- Lefebvre, Dom Gaspar. *Missal Romano Quotidiano*. Latim-português. Bruges: Biblica, 1963.
- Mattos, Cleofe Person de. *Catálogo temático de obras do Padre José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, MEC, 1970.
- Mattos, Cleofe Person de. “Pesquisa e texto em Garcia, José Maurício Nunes”. *Gradual Dies Sanctificatus*. Rio de Janeiro: Funarte, INM, Pro-Menus, 1980.
- Mattos, Cleofe Person de. “Pesquisa e texto em Garcia, José Maurício Nunes”. *Gradual de São Sebastião*. Rio de Janeiro: Funarte, INM, Pro-Menus, 1980.
- Mattos, Cleofe Person de. *José Maurício Nunes Garcia - biografia*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1997.
- Oliveira, Anderson José Machado de. “Padre José Maurício: ‘dispensa da cor’, mobilidade social e recriação de hierarquias na América portuguesa”. In: Gudes, Roberto (org.). *Dinâmica imperial no antigo regime português: escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados: séc. XVII-XIX*, p. 51-66. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

ANDRÉ CARDOSO é violista e regente graduado pela Escola de Música da UFRJ; mestre e doutor em Musicologia, pela Unirio. Estudou regência com os maestros Roberto Duarte e David Machado. Durante três anos, recebeu bolsa da Fundação Vitae para curso de aperfeiçoamento na Argentina com o maestro Guillermo Scarabino, na Universidade de Cuyo (Mendoza) e no Teatro Colón, de Buenos Aires. Em 1994, foi o vencedor do Concurso Nacional de Regência da Orquestra Sinfônica Nacional e passou a atuar à frente de orquestras como a Sinfônica Brasileira, a Orquestra Sinfônica da Paraíba, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, Sinfônica de Campinas, a Orquestra Petrobrás Sinfônica, a Orquestra do Teatro Nacional de Brasília e a Filarmônica do Espírito Santo. Durante 7 anos foi maestro assistente da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Entre as diversas produções que dirigiu destacam-se os ballets *Coppélia*, *Gisele*,



Le Sylphide, La fille mal gardée e *Lago dos Cisnes*, além de inúmeros concertos sinfônicos. Como pesquisador dedica-se a música brasileira dos séculos XVIII e XIX, publicou uma série de artigos em importantes periódicos nacionais. Seu livro, *A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro*, foi vencedor no II Concurso Nacional José Maria Neves de Monografias, e foi publicado pela Academia Brasileira de Música, em 2005. Em 2008, lançou *A música na Corte de D. João VI* pela editora Martins Fontes, considerado um dos destaques editoriais do ano pelo jornal *O Estado de S.Paulo*. Atua também como produtor fonográfico, recebeu o Prêmio Sharp e o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pela gravação da ópera *Colombo* de Carlos Gomes. Atualmente é diretor da Escola de Música da UFRJ, onde ainda é professor de Regência e Prática de Orquestra, além de diretor artístico e regente da Orquestra Sinfônica da UFRJ.